



Submissas e orquídeas

(Subs and orchids)

(Sumisas y orquídeas)

João Manuel de Oliveira¹

Livro resenhado: PÉREZ NAVARRO, Pablo. *Orden y peligro-por una deslocalización queer*. Barcelona: Bellaterra, 2023.

O novo trabalho de Pablo Pérez Navarro, *Orden y peligro-por una deslocalización queer*, traz-nos um conjunto de reflexões marcadas pelo contexto pandémico. Aliás, como a conceptualização originária do *queer*, interpelação também ela pandémica, mas fruto e sub-produto do HIV. A pandemia de COVID-19, e escrevo infetada por ela neste momento, após testar positivamente num teste rápido de deteção do antígeno, comprado por 2,35 euros, e que determinou que me isolasse, o que culminou na escrita deste texto. Esse teste, fruto do desenvolvimento da tecnociência e de tecnologia barata o suficiente para poder ser distribuída em larga escala...

Então, a submissa olha para o texto e exclama:

é isto? Vais abrir a tua resenha de um texto sobre covid a partir do preço, tecnologia, mudanças no pós-guerra século XX, biomedicina, biopolítica? Sub Foucault sempre a ser chamada. Tudo cheira a já vimos, já escutámos.

Tentei ainda justificar, mas as submissas não são fáceis de agradar e muito menos de aceitar os argumentos. Ou é assim ou não é. Fiquei tímida e pensei mudar. Contudo, sobre este livro, a submissa não está inteiramente correta, dado o contributo original da proposta. Sigamos.

Pablo Pérez Navarro, nesta obra, examina numa matriz em que coabitam violentamente Butler, Mary Douglas, Derrida e Foucault, a sua pesquisa sobre ordem pública, que foi publicando em vários lugares e em várias modalidades, para reler e re...

Ping ping – submissa reclama, *o teu Grindr apita e apita, larga o texto e vem aqui.*

Calma, submissa.

Mas estou a gostar da ordem. De ordens.

Terá sido mesmo Grindr? Ou algum lugar da geografia a que chamo corpo, localização, mas

¹ Iscte- Instituto Universitário de Lisboa. joao.m.oliveira@gmail.com



simultaneamente deslocalização *queer* – subtítulo da obra –, que reforça o legado ativista *queer* de se envolverem em causas aparentemente não relacionadas, deslocalizadas na expressão do autor. Viajei para dentro do filme de Gustavo Vinagre, *Nova Dubai*, de 2014, levei a sub comigo, e deparamo-nos com um trio de ursos numa urbanização em construção que intitula o filme. A sub juntou-se a eles. A sexualidade *vis-à-vis*, a especulação imobiliária e destruição da habitação popular nas cidades do Brasil, hoje tema reconhecido como central na corrente crise imobiliária. A resposta *queer* que o filme exercita foi sexo em público, nas construções, tecendo a foda entre eles como forma resistência. A sub, antes da DP, decide comentar o meu texto:

E achas que a crise quando era no Brasil era circunscrita? Dear, nós somos tubo de ensaio do capitalismo, assim como Gaza é espaço de testagem de armas que Israel depois vende ao Brasil, para controlar a periferia. Controla, mata, mata, controla, racismo de estado, racismo estrutural, combinados em máquinas de matar.

Pablo traz-nos formas de pesquisar e pensar essa maquinaria pesada, de *queer* a devir outras coisas deslocalizadas, uma prática de pensar e agir para mundos onde não existem espaços seguros. Porque não existem espaços propriamente *queer*. O *queer* não é um lugar, é a própria deslocalização. Pablo alega a física quântica para essa ideia de deslocalização e não tanto a linha de fuga. Não há grandes fugas nas geometrias euclidianas, mas deslocalizações e desbordamentos. A partir dessa premissa, não inteiramente segura, sobretudo não segura em função da pertença a grupos, a partir de uma ideia de identificação como estratégia de segurança, Pablo Pérez Navarro vai proceder ao exame das múltiplas interpelações da ordem pública, cuja gênese e interrelação com a performatividade de género lhe vai permitir produzir uma análise crítica original e contributo único nos estudos *queer*. O que é um espaço seguro? Ondes estão minhas iguais ou as minhas diferenças? Onde não existam héteros? Onde não existam cis? No mundo do vai e vem, do viramundo? Ou no mundo do retorno ao mesmo?

Se houver uns doms já é alguma coisa...

A submissa, na sua relação de devir com o “dom”, que a faz devir sub, relembra a relação de territorialização e desterritorialização vespa-orquídea nos mil platôs de Gilles Deleuze e Felix Guattari (2008). Esse tornar-se vespa que se traduz na desterritorialização da orquídea e reterritorialização da vespa em órgãos reprodutores da orquídea traduz muito bem essa deslocalização *queer* que Pablo nos joga. É na senda de uma ideia de ordem, que explora na segunda parte sobre uma ideia de ordem pública, plasmada no direito, mas que recorre às outras ordens marcadas pelo género, racismo, monogamia e limitações à reprodução – em que se inclui a gestação sub-rogada a que Pablo também deu atenção para entender os meandros dessas normas que se configuram como ordens – submissa esfrega as mãos em contentamento.



Na primeira parte, um conjunto de textos chamam a atenção para as genealogias de movimentos sociais e os múltiplos desafios que lhes são colocados precisamente pela ordem pública e perante os múltiplos perigos que destaca na terceira parte, as pandemias, as necropolíticas dentro da biopolítica. Acompanhei ao longe, por mensagens e chamadas de WhatsApp, e menos perto do que gostaria, o desenvolvimento de muitas dessas ideias e argumentos que são apresentados neste livro e que culminam com a proposta de uma deslocalização *queer* como forma de ponte entre mundos sociais distintos, formas de construir e conceber solidariedades que não sejam apenas a boa intenção e a continuação do projeto colonial. Pablo, uma cúmplice com quem gosto sempre de pensar, aponta para esse propósito de uma forma muito clara: precisamos dessa capacidade de nos deslocarmos das nossas preocupações eurobrancas para passarmos a conceber e a entretecer outras cosmopolíticas, outras ecologias, que nos deslocalizem e nos recordem os ensinamentos da difícil arte de agradar a uma submissa que constantemente nos interpela e que continuamente prova ser difícil de agradar. A ela, submissa que pode virar vespa numa orquídea fantasma, este livro pode possibilitar várias entradas, reelaborações e propostas conceituais e modos de contestar um feminismo radical trans-excludente (TERF), mofado mas violento, datado mas tentando transformar-se em contemporâneo. A resposta que Pablo Pérez Navarro encontra é a multiplicidade de um pensamento se retroalimenta. –

Gosto dessa retroalimentação, bicha, aplaude a sub antes mesmo de sair –

Tratam-se de feminismos que fazem pontes, práticas *queer* de alianças deslocalizadas, vidas que seguem, sem essa cumplicidade com transfobia, racismo e extrema direita, que com essas feministas TERFs partilham esse espaço de pensamento e ação: na pureza de um feminismo em que só as mulheres cis podem entrar partilham esse espaço com supremacistas brancos, onde só a branquitude pode entrar, e com a extrema direita, onde só (neo)fascista entra. Teorias puras. Em resposta a isso e seguindo tradições feministas latino-americanas, Pablo oferece pontes, teorias impuras onde entram todes. Este livro alicerça-se na criação de pontes, na complexidade de um feminismo que também se traduz em política de pensar as questões da saúde, das pandemias, da reprodução, das múltiplas formas como um feminismo *queer* pode ser um caminho no pensamento contemporâneo e fornecer respostas diferentes. Este livro recorre a uma plêiade de submissas, doms, boycetas, trans* e travestis, bichas, viadas, camioneras, toda uma explosão de práticas e desidentificações. Ferve, fervilha.

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Planaltos: Capitalismo e Esquizofrenia 2*. 1. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 2008.

